



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A EXPERIÊNCIA DA MONITORIA: questionamentos e pensamentos sobre a realidade da monitoria acadêmica e da monitoria indígena na Universidade
<b>Autores</b>	BARBARA POTZIK RONALDO ROSSI FERREIRA
<b>Orientador</b>	DILMAR XAVIER DA PAIXAO

**RESUMO:** Aprendemos e agora sabemos na prática que a experiência com a monitoria é um aprendizado que se estende além da sala de aula. Salientar e valorizar essas atividades acadêmicas são os objetivos deste trabalho, que destaca a importância de que essas ações sejam estimuladas na vida universitária e tenham mais espaços e reconhecimentos. Há várias oportunidades e modalidades para envolvimento em ações no ensino, na pesquisa e na extensão, mas as monitorias vinculam-se diretamente às principais funções do ensino superior, que são a formação e a qualificação dos profissionais que atuarão e já agem na sociedade.

A iniciação como monitores em 2017-1, da disciplina “Cuidados em Enfermagem na Saúde Coletiva I” do curso de graduação em Enfermagem e da monitoria indígena, propiciaram-nos reflexões sobre as funções e incumbências a serem exercidas. As reuniões preparatórias e de acompanhamento conduziram-nos a compreender que auxiliar no aprendizado dos colegas monitorados ampara-os para aprender não apenas conteúdos e, sim, a própria inserção de cada um na vida do curso e da universidade. Sentimo-nos, como alunos, monitores e professores, em um mesmo patamar de aprendizado, com possibilidades amplas de ensino, ainda que os saberes sejam diferentes.

Ao assessorar aos colegas monitorados, acabamos por aprender coletivamente, ampliando, tanto o nosso conhecimento quanto aquele dos quais servimos como monitores. Vale destacar que o monitor da disciplina atende e se inter-relaciona com cerca de quatro dezenas de alunos, enquanto a monitoria indígena destina-se tão somente a acompanhar uma graduanda ingressada pelo programa de acesso afirmativo.

A sistemática de um professor tutor e do professor responsável pela disciplina colabora, sempre, quando são discutidas e analisadas cada uma das situações para que não sejam apenas de acompanhamento, mas de intervenção, se uma necessidade mais específica for identificada. Por isso, a monitoria, mesmo a da disciplina, não pode ser somente coletiva, pois há momentos significativos individuais que precisam ser atendidos por demandas pontuais.

Freire (2014, p.68) ensina: “... enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado à qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendida pelo outro na expressão do primeiro”. Esse aspecto justifica que a monitoria indígena seja estendida aos demais semestres dos cursos, pois, apesar do ingresso facilitado ao indígena, a estrutura da universidade ainda se mantém muito enclavada em condições tradicionais, sem que possa absorver e interagir, adequadamente, na convivência com a cultura indígena. Como aceitar, por exemplo, que um texto em inglês possa ser distribuído aos alunos e, inclusive ao indígena, e seja destinado como uma rotina normal a desincumbir-se?

A metodologia adotada no exercício da monitoria é, portanto, importante que ultrapasse a resposta à demanda, mesmo que os monitorados exerçam procura reduzida, buscando contatos e métodos para auxiliá-los na construção do conhecimento, ainda que seja à distância e pelos meios digitais. Ao comparar as duas monitorias, identificamos quão distintas e, ao mesmo tempo, inclusivas elas podem ser. A monitoria indígena exige um conhecimento mais amplo das matérias cursadas pela monitorada, enquanto a monitoria de disciplina estabelece um direcionamento mais coletivo e de grupo de temas específicos. Todavia, ambas preconizam o aluno monitorado como protagonista, ainda que o seu aprendizado seja obtido na interação com todos os agentes presentes nesse processo: professor, alunos e monitores.

Vivenciar os diversos lados desse contexto e realidade gratifica-nos muito – e pelo aprendizado, mais do que a remuneração congelada da bolsa. Intriga-nos, ainda, que, embora seja oferecida e incentivada a participação aos monitorados desde o início do período letivo, poucos alunos procurem o auxílio durante o processo de aprendizagem, deixando para fazê-lo ao se depararem com situações problemáticas, muitas vezes, nos momentos finais do semestre. Nesse instante não estão disponíveis as melhores condições de aprendizagem, o que apresenta uma dificuldade a mais para nós, sendo o conhecimento compartilhado apressadamente e diferente da forma que melhor gostaríamos.

A monitoria indígena tem um problema mais grave que precisa ser corrigido logo: o início da monitoria acontece após as aulas terem iniciado, quase ao meio do semestre. Como antecipar conteúdos e estudos antes das aulas? Seria melhor se professor tutor, monitora e monitorada pudessem começar juntos desde as primeiras aulas. Além disso, que ficasse autorizada a sequência da monitoria indígena para os demais semestres do curso, e não apenas os semestres iniciais, porque a cada conteúdo são novas dificuldades que surgem e a universidade e os cursos necessitam estar mais bem capacitados para os direitos às ações afirmativas.

A instituição Universidade não pode se fazer distante dos problemas e das dificuldades enfrentadas pelos seus alunos. Universidade e realidade precisam harmonizar-se, condizendo com os níveis de ensino e de aprendizagem difundidos pela instituição ao longo da vida acadêmica.